

CRISES E CONFLITOS NO NOVO TESTAMENTO

No dia a dia, a vida é feita da alternância de momentos calmos, harmoniosos, alegres, e de momentos agitados, conflituosos e difíceis de viver. Ninguém escapa às crises ou aos conflitos: as crises são a vida, são muitas vezes simples doenças de crescimento. No decurso da vida, todos os casais passam por crises mais ou menos importantes suscitadas por conflitos internos mais ou menos violentos, ou por acontecimentos exteriores mais ou menos dramáticos.

1. Os conflitos

Se tomarmos por referência os evangelhos, a própria vida de Jesus não está isenta de crises, de conflitos e de mal-entendidos para Ele, para os seus pais e para os seus próximos :

- a família de Jesus tem o seu ponto de partida num momento de crise : Maria grávida antes de estar casada. Maria e José deixar-se-ão guiar pela confiança adquirida na meditação para ultrapassar esta crise
- Jesus, da linhagem real de David, faz a experiência de um nascimento no meio dos pobres, nas condições da emigração devido a perseguição
- « Não sabíeis que devo ocupar-me das coisas de Meu Pai ? » (Jesus no templo aos 12 anos- Lc 2,49). Eis uma fonte de sofrimento para os pais de Jesus no começo desta crise de emancipação. Maria e José, por amor, guardam isto em silêncio nos seus corações... na sua oração
- o conflito faz parte do Evangelho. Jesus encontrou sérias dificuldades junto dos seus contemporâneos :
 - junto das multidões (entusiasmo superficial ou decepção,...)
 - junto dos discípulos (dificuldades de compreensão, desencorajamento, ilusão ingénu de um triunfo popular imediato,...)
 - junto da sua família (por quem se toma ? Perdeu a cabeça ; incompreensão,...)
 - junto das autoridades religiosas (suspeita, hostilidade declarada,...)
 - junto dos partidários de um renovamento religioso (oposição, aos olhos dos fariseus « está a abusar, vai longe de mais », ...)
 - junto do poder político (Herodes não tarda a acreditar que a atitude de Jesus vai perturbar a ordem pública e ameaçar o seu poder,...)

Constatamos pois : o conflito está no centro do Evangelho.

2. As reacções

Mesmo se todas estas dificuldades são para transpor, elas permanecem hoje e são praticamente ainda idênticas para quem quer ser cristão no nosso mundo. Viver como cristão leva-nos regularmente a viver em contra-corrente ; há pois uma possibilidade de conflito como resultado.

Jesus respondeu a inúmeras críticas e ataques. Teve de esclarecer constantemente o seu pensamento, seja respondendo directamente às objecções, seja exprimindo-se por parábolas. Depois das numerosas oposições suscitadas pelas palavras e gestos da vida de Jesus, a única maneira para continuar a propor o Reino foi ensinar por parábolas. A fim de não fazer frente às resistências, o que as fortaleceria, Jesus encontra outra linguagem : as parábolas, uma palavra que vai ao encontro dos homens onde eles se encontram, uma palavra simbólica que se incarna nas realidades de todos os dias (vinha, tesouro escondido, filho pródigo, operários da última hora, sal da terra, semeador, figueira estéril, grão de mostarda,...). Esta palavra dá fruto e impõe-se pela força da interpelação e pela sua transparência, numa linguagem « não religiosa » que se dirige à maioria. A atenção de Jesus dirige-se sempre em primeiro lugar não às prescrições da Lei mas à importância da VERDADEIRA RELAÇÃO com a pessoa do outro, ao respeito devido ao outro e à sua dignidade (a Samaritana, Jo 4 ; a mulher adúltera, Jo 8 ; o puro e o impuro, Mc 7, 14-16 ; sentido do Sábado, Mc 2, 27). Propõe-nos passar do « SABER quem é o próximo », do « FAZER pelo próximo » ao « CRER no próximo ».

Ultrapassar as dificuldades, as crises, encontrando um caminho e uma paz para além destas. Não é assim que acontece hoje para a nossa própria fé ? Crer não é ultrapassar as dificuldades que à primeira vista julgaríamos intransponíveis ?

Na comunidade cristã primitiva, a controvérsia a propósito da entrada dos pagãos (os *Gentios*) nesta comunidade causa muita polémica e opõe Paulo e Barnabé aos outros apóstolos e aos anciãos. Esta crise será objecto do concílio de Jerusalem (Act 15) onde, após uma longa e penosa discussão, Pedro tomou a palavra e depois Tiago, para propor uma solução de conciliação (Act 15, 7-35).

Vê-se que cada situação de crise, de conflito, é diferente de outra e não há uma solução única, ainda menos uma solução milagrosa. Cada conflito requer paciência, compreensão, implicação pessoal. A coragem para olhar de frente o vencido é necessária, bem como a vontade para chegar a uma solução do conflito que tenha em conta cada um. É preciso não se obstinar nas próprias ideias e princípios e dar prova de confiança, de

convicção quanto à importante necessidade do diálogo e da conciliação. Além disso, é preciso também poder « guardar as coisas em silêncio no seu coração e na oração » a exemplo de Maria. É sobretudo útil ser criativo na resposta a levar às pessoas e às situações, lançar-se para a frente mais que permanecer no passado, deixar-se interpelar em profundidade e ao nível do coração. As condições de uma verdadeira saída do conflito são pois numerosas e exigentes.

As pessoas que vivem um conflito, no casal ou em qualquer outra circunstância de vida, encontram-se numa situação inevitável de mal-estar e experimentam geralmente um sentimento de culpa em relação ao outro e a Deus.

Para um acompanhador, um animador, há aí lugar para um maravilhoso ministério, o **MINISTÉRIO DO ACOMPANHAMENTO** :

- escutar com respeito a fim de permitir retirar sentido, encontrar o caminho do outro e de Deus
- perceber, com o recuo tomado, o apelo do outro no seu sofrimento
- encontrar a necessidade de tempo para reler o vivido
- operar um recentrar no outro no momento das negociações
- fazer tomar consciência, quando se dão passos um em direcção ao outro, mesmo através dos limites e das incompreensões, dos sinais de luz que atestam a presença de Deus

Mas nada disto se pode improvisar.

3. O perdão

Enfim, nenhuma crise ou conflito na vida se pode resolver sem PERDÃO. Não há laço conjugal que resista sem perdão.

« Quantas vezes deverei perdoar as ofensas que me fizer o meu irmão ? » (Mt 18, 21-22). Fazendo esta pergunta a Jesus, Pedro julga-se bem inspirado propondo dar o perdão « até sete vezes ». Ao que Jesus responde de forma surpreendente « até setenta vezes sete ».

Falando assim, Jesus convida-nos a permanecer atentos em todas as circunstâncias e sem limites, ao longo do tempo, às pequenas ou grandes feridas provocadas pelos que nos rodeiam. Convida-nos a acreditar que uma mudança no outro, como em nós, é sempre possível, a não nos convenceremos que estamos prisioneiros do passado numa esfera infernal da qual nunca poderíamos sair. Para Jesus, não podemos dizer : « Tu nunca mudarás » ou « no entanto fiz tudo para que isso não acontecesse ». Não, convida-nos a crer que uma conversão, que uma reversão da pessoa, da situação, pode sempre acontecer.

Um desportista que se treina, uma enfermeira que cuida, um músico que compõe, um educador que ensina, um cônjuge que ama fazem e refazem os mesmos gestos mais que setenta vezes sete vezes. De igual modo, é preciso um tempo considerável, uma paciência enorme, uma esperança louca para realizar o seu objectivo, para aprender a amar. Amanhã não é apenas a repetição de ontem mas pode ser uma fonte de verdadeira renovação.

« Pecar » em grego, é falhar o objectivo, errar o alvo. Cada um pode pecar contra o seu irmão não por lhe desejar voluntariamente o mal mas falhando o seu objectivo, sendo mau interlocutor, fraco comunicador, adoptando um comportamento inadequado, tornando-se momentaneamente inviável. Tudo isto pode afectar enormemente a qualidade da relação com o outro.

Em Mateus 18, trata-se de « REDIMIR » as ofensas. Repor no lugar, no seu justo lugar, encontrando a boa distância, aprender a colocar-se em fase com o seu cônjuge, com o seu irmão. « REDIMIR » evoca também o resgate da dívida, aquilo de que trata a parábola do devedor impiedoso, que se segue (Mt 18, 23-35). O rei, de que fala a parábola, perdoa a dívida ao seu servidor enquanto que este recusa categoricamente perdoá-la ao seu companheiro. Jesus ensina que Deus não pode perdoar àquele que não perdoa ao seu irmão e que, para pedir o perdão de Deus, é preciso primeiro perdoar ao seu irmão. Jesus insiste e para nos impedir de esquecer esta realidade, faz-nos proclamá-la em cada dia no « Pai Nosso » (Mt 6,14). O perdão não é pois unicamente uma condição prévia à vida nova do Reino mas é um dos seus elementos essenciais. Jesus indica a Pedro que é necessário perdoar indefinidamente e incansavelmente.

O perdão é resgate de dívida, retoma do diálogo, sem esquecer o mal realizado, sem minimizar a sua importância, mas é um reerguer-se, torna a pôr-nos de pé, faz-nos renascer. É sinal que o mal que criou uma ferida pode ser ultrapassado e abrir um novo caminho de esperança. O ponto central desta parábola é pôr em evidência que a nossa relação entre irmãos, entre cônjuges, está em estreita ligação com a nossa relação com Deus. O verdadeiro perdão, tão difícil, pressupõe um verdadeiro diálogo onde um deseja e pede o perdão e onde o outro o concede e o dá do mais profundo do seu coração. É acreditar que o amor pode ser mais forte. « Vai, e não tornes a pecar ». (Jo 8, 11 ; 5, 14). Deus não espera que MUDEMOS PARA NOS PERDOAR mas PERDOA-NOS PARA QUE MUDEMOS.

O perdão traz a paz, torna a pôr-nos de pé depois da noite, e restabelece a comunhão.

PERDOAR, É RESSUSCITAR E FAZER RESSUSCITAR .

Raymond HEUSGHENS